FILMES QUE AMO
Lauro António

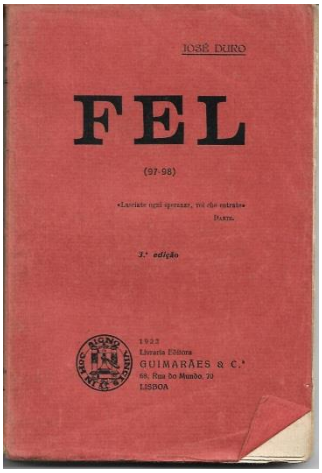
FORUM MUNICIPAL LUÍSA TODI – SETÚBAL, SEGUNDA-FEIRA, 14 DE FEVEREIRO, DE 2022 - 21H00
MASTERCLASS: FILMES QUE EU AMO - (entrada livre)

A ÁRVORE DOS TAMANCOS
Título original: L'albero degli zoccoli
Realização: Ermanno Olmi (Itália, 1978)

1. **POESIA**

"A Árvore dos Tamancos" é um filme que remete para um certo lirismo intenso ligado à terra e aos costumes ancestrais, observados por um olhar vigoroso, mas enternecido. O que me fez recuar no tempo e voltar a Portalegre. Uma amiga minha tem um blogue sobre poesia e vai pedindo a diversas pessoas para cada uma delas ler um poema que a tenha marcado de sobremaneira na sua vida. Chegou a minha vez. Claro que a primeira escolha recaía em autores portugueses consagrados e por demais conhecidos, Camões, Pessoa, Mário Sá Carneiro, Cesariny, Cesário Verde, Gomes Ferreira, Daniel Filipe, Régio, Nobre, e etc. não esquecendo Florbela Espanca, sobre quem cheguei a preparar um filme que nunca chegou a concretizar-se. Havia mesmo muitos estrangeiros a merecerem igual referência. Muitos poetas me marcaram e marcam a existência. Mas, depois de muito pensar, resolvi optar por um poeta de um livrinho único (tem um outro, "Flores", mas muito incipiente), quase esquecido, homem mal-amado em vida e, pelos vistos, amaldiçoado depois da morte. Quem se lembra de um poeta chamado José Duro, autor de "Fel"? E, no entanto, nos meus tempos de meninice, passados em Portalegre, ele foi um autor marcante para mim. Por circunstâncias curiosas.
Passo a explicar. Existia e ainda existe, em Portalegre, um jardim chamado Corredoura. Era e é o pulmão verde da cidade, atravessado por uma álea central, onde a determinada altura existia um banco corrido, onde a meio se incrustava uma imagem de José Duro, ladeada por dois versos do lado esquerdo e outros dois do lado direito. Íamos muitas vezes passear ou brincar para esse jardim e esse banco fascinava-me, pelo teor dos versos, e pela auréola de que então gozava José Duro, autor maldito entre os malditos.
Os versos rezavam assim (conservo a grafia da época):
O livro que ahi vai – obra de um incoherente –
É um livro brutal, é um poema a esmo…
Pensei-o pela rua, olhando toda a gente,
Escrevi-o no meu quarto olhando-me a mim mesmo…

José Duro nasceu em Portalegre, a 22 de outubro de 1875 e viria a falecer em Lisboa, a 18 de Janeiro de 1899. Uma vida de 23 anos, muito sofrida, marcada pela tuberculose, doença muito dada a poetas simbolistas e decadentistas. Para José Duro, os temas obsessivos eram a doença, a morte, a prostituição, a tuberculose, o desespero, a angústia, o nada. Bem exemplificativo desta sua temática, é este poema "Doente", retirado de "Fel", livro publicado apenas alguns dias antes da morte do autor:



"Ó morte vai buscar a raiva abençoada
Com que matas o mal e geras novos seres...
Ó morte vai de pressa e traz-me os poderes,
Que eu canso de viver, quero voltar ao nada.
Escorre-me da boca a voz que'inda murmura,
Arranca-me do peito o coração enxangue,
Que eu hei-de dar-te em troca os restos do meu sangue
Para o negro festim da tua fome escura...
Ó Santa que eu adoro, ó Virgem d' olhar triste,
Bendita sejas tu, ó morte inexorável,
Pelo mundo a chorar, desde que o mundo existe...
Dá-me do teu licor, quero beber a esmo...
Que eu vivo ao abandono e sou um miserável
Aos tombos pela Vida, em busca de mim mesmo!"

Pode não ter sido um poeta genial, mas povoou de inquietações e talvez pesadelos os meus sonhos. Sempre me senti tocado pela má fortuna deste jovem que poderia ter dado muito mais às letras portuguesas. Há uns tempos atrás passei por Portalegre e não descurei uma peregrinação até junto do banco das minhas recordações no meio da Corredoura, banco mandado erigir pela comunidade académica a 23 de junho de 1944. Não o encontrei. Segundo o escritor António Martinó, o memorial foi destruído "com o alibi do POLIS… A reação comunitária levaria a autarquia portalegrense a tentar remediar, grosseiramente, o seu vandalismo, caricaturando uma reconstrução do monumento". Não o vi. Para mim, fica para sempre o humilde banco de pedra, com quatro versos que nunca me abandonaram.

O Banco José Duro, que Portalegre conheceu durante muitos anos

Medalhão, inscrição e lanternins do Banco, numa gravura da época

2. A ÁRVORE DOS TAMANCOS (1978)

Bergamo é a terra natal de Ermano Olmi, e é na região lombarda que o cineasta vai rodar "A Árvore dos Tamancos", crónica de recordações de fins do século passado que nos restitui a vida de uma pequena comunidade rural que se ergue em redor da casa senhorial que domina a região. A estrutura agrária é ainda feudal. Os camponeses pagam dois terços das suas colheitas ao dono da terra, que as arrenda a quem delas melhor proveito tire e maior lealdade demonstrar. Várias famílias que amanham a terra e cuidam dos animais vivem comunitariamente em redor de um pátio, dispondo cada uma delas de uma pequena casa, juntando-se todas as noites no estábulo para contar histórias, comentar o dia-a-dia, fazer malha, rezar o terço ou cruzar olhares enamorados.

Cada uma dessas famílias tem uma história, várias histórias, pequenos episódios aparentemente anódinos a relembrar. Uma mãe de seis filhos que tem de os alimentar e educar, por morte do marido; um velho avô obcecado pela criação de tomates que anualmente brotam duas ou três semanas mais cedo do que os outros e que faz desse segredo o alimento do amor dos netos; uma criança que nasce, outra que vai para a escola e que, de regresso a casa, quebra um dos tamancos que dá o nome ao filme; uma vaca que adoece e "milagrosamente" se salva, depois do veterinário a dar por morta; um velho padre de aldeia, com o rosto curtido ao lado desses homens, e que lhes sabe falar com as palavras apropriadas e a generosidade do coração; um dialeto fechado que recusa a mensagem de fora, mesmo que ela expresse ideias de uma solidariedade nova; uma moeda de ouro que se encontra na terra e se esconde no casco de um cavalo que a devolve à terra. A presença constante da terra, a

integração óbvia do indivíduo na Natureza, comparticipando tudo e todos desse sereno equilíbrio onde a emoção existe, mas sofreada, contida, dominada pela lição da vida.
Recusando atores profissionais, ou a ajuda de uma história central que permitisse a progressão dramática da narrativa, Ermano Olmi escolhe o caminho da dificuldade, para triunfar em toda a linha, oferecendo ao espectador um filme admirável, crónica atenta de um tempo e de um local que conheceu por lendas ouvidas na infância e que reproduz com a sabedoria das coisas conhecidas por dentro.

"A Árvore dos Tamancos" é um painel soberbo, desenhado no claro-escuro de uma fotografia como só raras vezes se vê no cinema, e que realça não só a aspereza nobre dos rostos, como a transparência da luz nascida da honradez dessas vidas indissociavelmente ligadas à terra, aos seus ciclos e à lição de divindade que o todo encerra.
O cinema de Ermano Olmi é austero, sem artifícios de qualquer espécie (houve quem lhe chamasse o Bresson milanês), vive obcecado por uma raiz documental que nunca o abandona. "O cinema não é uma profissão, disse Olmi um dia, mas deve ser tomado tão a sério como a própria vida". "A Árvore dos Tamancos" testemunha a coerência moral, a serenidade expositiva, a espiritualidade íntima, secreta, de que o cineasta dá comprovadas provas. Neste mundo medievo, onde existem homens que são propriedade de outros homens, os gritos de revolta desconhecem-se, a resignação parece dominar, mas o olhar de Olmi, que nunca transaciona com a demagogia ou a facilidade, nada esconde, ainda que a aristocracia rural dos grandes proprietários apenas se vislumbre por detrás das janelas desse Olimpo dos privilegiados.

Admirável lição de cinema, de uma beleza que ultrapassa o rigor plástico dos enquadramentos, e os aprofunda através de uma emoção rara e sincera, autêntica, "A Árvore dos Tamancos" é bem um dos exemplos de um cinema a construir, alheio a modas e preconceitos, vivido no classicismo obstinado de um autor inclassificável, de quem os portugueses apenas conhecem poucos títulos, entre os quais os dois iniciais da sua carreira, "Il Posto" (O Emprego, 1961) e "I Fidanzati" (Os Noivos, 1962). Olmi continuaria a trabalhar, mas os seus filmes são quase todos apenas conhecidos dos circuitos da televisão italiana. Uma obra sobre o Papa João XXIII ("E Venne un Uomo", 1964), a que segue um conjunto de filmes predominantemente documentais, todos eles encomendados pela RAI (televisão italiana) são outras etapas de uma filmografia que não abdica de uma verticalidade moral e de uma intransigência estética invulgares.
Assinando a realização, o argumento, a montagem e ainda a direção de fotografia, Ermano Olmi demonstra em "A Árvore dos Tamancos" que ele é um dos grandes cineastas contemporâneos. O leitor não deixe de o comprovar por si mesmo.

A ÁRVORE DOS TAMANCOS
Título original: L'albero degli zoccoli
Realização: Ermanno Olmi (Itália, 1978); Argumento: Ermanno Olmi; Música (órgão): Fernando Germani; Fotografia (cor): Ermanno Olmi; Montagem: Ermanno Olmi; Design de produção: Enrico Tovaglieri; Decoração: Franco Gambarana; Guarda-roupa: Francesca Zucchelli; Maquilhagem: Guiliana DeCarli; Direção de Produção: Alessandro Calosci, Domenico Di Parigi, Attilio Torricelli; Departamento de arte: Rossella Guarama; Som: Italo Cameracanna, Amedeo Casati, Aldo Ciorba; Companhias de produção: RAI Radiotelevisione Italiana; Italnoleggio Cinematografico; **Intérpretes:** Luigi Ornaghi (Batistì), Francesca Moriggi (Batistina), Omar Brignoli (Minec), Antonio Ferrari (Tuni), Teresa Brescianini (Runk), Giuseppe Brignoli (Anselmo), Carlo Rota (Peppino), Pasqualina Brolis (Teresina), Massimo Fratus (Pierino), Francesca Villa, Maria Grazia Caroli, Battista Trevaini, Giuseppina Langalelli, Lorenzo Pedroni, Felice Cervi, Pierangelo Bertoli, Brunella Migliaccio, Giacomo Cavalleri, Lorenza Frigeni, Lucia Pezzoli, Franco Pilenga, Guglielmo Badoni, Laura Lecatelli, Carmelo Silva, Mario Brignoli, Emilio Pedroni, Vittorio Capelli, Francesca Bassurini, Lina Ricci, etc. **Duração:** 186 minutos; Distribuição em Portugal: Filmes Castelo Lopes; Distribuição em Portugal (DVD): Monroe Stahr; Classificação etária: M/ 12 anos; Data de estreia em Portugal: 18 de janeiro de 1980 (Cinema Nimas).

FORUM MUNICIPAL LUÍSA TODI-SETÚBAL| SEGUNDA-FEIRA, 21 DE FEVEREIRO, DE 2022
MASTERCLASS: FILMES QUE AMO II - 21H00 (entrada livre**)**

O CIRCO
Título original: The Circus
Realização: Charles Chaplin (EUA, 1928)| **Duração:** 72 minutos | **M/6**